

A EXPRESSÃO *DANÇA INCLUSIVA* EM ARTIGOS ONLINE: UM BREVE PANORAMA

EMILAINE ROSALES CAMPOS¹

PROF^a DR^a ELEONORA CAMPOS DA MOTTA SANTOS²

¹Egressa Universidade Federal de Pelotas – nanyrosales@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eleonoracamposdamottasantos2@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação compartilha Monografia do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel, com interesse em compreender a expressão *dança inclusiva*, com a qual tive contato na graduação. Gêneros mais tradicionais de dança ainda estabelecem referência de padrão estético corporal uníssono, ou seja, corpos magros, alongados, de proporções harmônicas e com competências e habilidades motoras bastante desenvolvidas. Até entrar na graduação, sempre imaginava figuras de bailarinos e de professores de Dança com as características citadas.

Experiências acadêmicas em projetos de extensão e em disciplinas abriram novas possibilidades de pensamento e práticas, fazendo-me reconhecer a capacidade de dançar em cada um, com limitações e potencialidades. Meu interesse de estudo voltou-se a questões sobre ensino e diversidade corporal e sobre como termo *dança inclusiva* estaria associado a estas temáticas. Questões que nos estágios voltaram com maior intensidade, não somente pela possibilidade de ter que trabalhar com crianças com alguma deficiência, mas também por ser um momento crucial de ter que planejar o ensino da dança levando em consideração a diversidade de habilidades e interesses dos alunos.

O recorte do estudo teve como objetivo analisar a compreensão conceitual da expressão *dança inclusiva* em produções acadêmicas em língua portuguesa, disponíveis online. Os objetivos específicos foram: a) Apresentar um breve panorama da produção disponível online relacionada à expressão; b) Indicar e destacar as referências conceituais sobre dança, corpo que dança e educação que se relacionam com a expressão nas produções.

2. METODOLOGIA

O estudo caracterizou-se como pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e com abordagem qualitativa. A definição do material foi feita a partir do descritor *dança inclusiva*. O ano de 2014 foi referência para busca regressiva por ano, sendo que, a partir do descritor, encontramos registros até 2002, em um total de 38 publicações, assim divididos: 7 dissertações, 4 monografias, 7 trabalhos de conclusão de curso e 20 artigos científicos. Analisamos apenas os artigos pelo tempo que dispúnhamos, por serem em maior número e por apresentarem maior variação de abordagem do tema. Foi feita uma primeira aproximação para compreender o contexto de cada artigo, o que também apontou possíveis categorias para a análise: local da expressão no texto, definições sobre o termo, objetivos da prática de dança e identificação do público alvo. O referencial teórico direcionou-se para a compreensão histórico conceitual sobre Dança, sobre corpo que dança e sobre Educação Especial/Inclusão (BOURCIER, 2001; FARO, 2004), subsídios teóricos para identificar como as reflexões conceituais aparecem na relação com o termo *dança inclusiva*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 20 artigos analisados, em 3 há definições sobre o que seria *dança inclusiva*. De acordo com BRAGA et al (2002, p. 155), apresentando a dança inclusiva como uma modalidade esportiva competitiva, “é um trabalho que inclui pessoas com deficiência no qual os focos terapêuticos e educacionais não são desprezados, mas a ênfase encontra-se em todo o processo do resultado artístico.”. Em FORCHETTI (2013), dança inclusiva “é proporcionar a todos os participantes igualdade de condições para desenvolver seu potencial e, criar formas para que ele se sinta integrado.” (ibid, p.1). E ALBUQUERQUE (2009), associa o termo ao sentido terapêutico, ou seja, uma prática que visa à melhora na qualidade de vida das pessoas com paralisia cerebral: “[...] uma alternativa terapêutica que visa minimizar estas dificuldades bem como promover melhora no controle postural e, portanto melhora de movimentos.” (ibid, p.40).

Podemos perceber que há uma compreensão múltipla sobre conceitos de *dança inclusiva*: modalidade competitiva esportiva, prática artística e terapia. A compreensão de dança como um esporte e como prática de atividade física parece estar referenciada em autores do campo da Educação Física, a exemplo do que encontramos em SILVA e VALENTE (2012) quando afirmam que a dança pode se tornar um exercício físico benéfico à saúde e à qualidade de vida de seus praticantes. Já a noção de prática artística, associada à ideia de prática onde cada pessoa encontra seu próprio modo de dançar respeitando seus limites, referencia-se em autores como AZEVEDO (2009), quando questiona “Que tal pensarmos uma dança que é desenvolvida para atender a um determinado corpo e não um corpo que precise alcançar uma dança, preexistente, preconcebida, preconceituosa?” (ibid, p.20), com ressonância em propostas de LABAN (1990) que estimulou o estudo do movimento improvisado que nasce dos impulsos internos de cada pessoa. E o entendimento de dança como terapia está ligado a reflexões como as de FUX (1988) sobre dançaterapia, uma abordagem terapêutica corporal integrativa que estimula o movimento criativo e espontâneo do corpo.

Os artigos indicaram propostas de *dança inclusiva* predominantemente voltadas ao público das pessoas com deficiência, mas não necessariamente com deficiência específica. Em 5 artigos o público são pessoas com e sem deficiência. A autora TEIXEIRA (2010, p.37) defende que “o papel do corpo deficiente, na cena artística contemporânea, passa a reivindicar um lugar além dos discursos do modelo institucional de inclusão e reivindica espaços de criação cênica e o acesso ao mercado de trabalho nas artes.”, apontando avanços na relação da figura da pessoa com deficiência dentro do quadro atual de produção em Dança.

Em 11 artigos, identificamos claramente diferentes objetivos relacionados ao termo *dança inclusiva*. Nos demais, apesar de não utilizem o termo ao longo do texto, é possível reconhecer os objetivos da proposta de dança relacionada à noção de *dança inclusiva*. Três artigos associam a prática da *dança inclusiva* somente à terapia/reabilitação. Para BRAGA et al (2002, p.155) “A dança proporciona o autoconhecimento, pelo toque, porque, além de aumentar a percepção corporal, relaxa a musculatura, favorecendo o desenvolvimento físico, motor, neurológico e o intelectual” destacando os benefícios que a atividade pode propiciar para tais pessoas. Segundo ALBUQUERQUE (2009, p.40) “A possibilidade de aplicação da dança como instrumento terapêutico foi verificado ao ser constatado a melhora na qualidade de vida de uma paciente com paraplegia.” E de acordo com FORCHETTI (2013, p.8) “Foi possível observar o resgate da autoestima, a possibilidade dos

participantes se sentirem capazes não só de receber, mas de compartilhar algo. A valorização junto à seus familiares, possibilitando enxergar o potencial desses indivíduos.” O artigo de SOUZA (2009) é o único dos analisados que trata do tema com as duas abordagens, terapia/reabilitação e arte: O autor diz que “seja pela arte ou pela reabilitação, não há como negar que as duas áreas estão em constante relação” (ibid, p.40). Novamente aqui vemos ressoar autores como FUX (1988).

Sete artigos abordam a *dança inclusiva* com objetivo de produção de arte/experiência artística. O artigo de AZEVEDO (2009, p. 20) é um exemplo: diz que o que se propõe com a *dança inclusiva* “é o surgimento do sujeito, ora imponderado pelas práticas que seu corpo permite, antes no obscuro da invisibilidade pela forma que a dança o classificava”. É objetivo de trabalho baseado em autores tais como ANTUNES (2010, p.1345), quando ressalva que “só um produto com excelência artística poderá contribuir para uma real mudança na imagem social destas pessoas, que se querem percebidas como bailarinos dignos.”, e SASTRE (2013 p.20), quando aponta que “A proposta artística realmente dispensa o rótulo. É um espetáculo de dança contemporânea com elenco que inclui e sintetiza a diferença, e proporciona uma experiência estética singular [...]”. Todas estas visões sobre a *dança inclusiva* como prática artística relacionam-se com a compreensão de dança referenciada em propostas mais atuais como as de dança contemporânea, gênero mais dançando em grupos e companhias de dança onde a diversidade corporal é material produtivo para o trabalho coreográfico.

4. CONCLUSÕES

Tanto os artigos analisados como os autores que referenciaram teoricamente nosso estudo deixam claro que a dança para/com pessoas com deficiência é um lugar possível de instituir sociabilidades, subjetividades e identidades, mesmo com a presença de objetivos claramente definidos e bastante distintos em termos de prática da dança. Ao mesmo tempo, identificamos compreensões sobre dança inclusiva não necessariamente associada às pessoas com deficiência.

A dança praticada pelas pessoas com deficiência e a reflexão sobre diversidade de padrão e potencialidade corporal tem provocado discussões e a relativização da compreensão mais tradicional sobre esta linguagem corporal: aquela historicamente referenciada na estética da perfeição corporal.

Neste sentido, a análise aqui realizada aponta, de certo modo, uma tendência de associar a expressão *dança inclusiva* a compreensões mais contemporâneas de dança. De acordo com MENDES (2010) a dança contemporânea trouxe à discussão o papel de outras áreas artísticas na dança, como vídeo, Música, fotografia, Artes Plásticas, performance, cultura digital e softwares específicos, que permitem alterações sobre o que se entende como movimento e também sobre o que se entende por quem são as pessoas/ corpos aptos a dançar. Em outras palavras, favorece a compreensão do potencial pedagógico da prática desta linguagem bem como permite o reconhecimento de outros potenciais corporais para o desenvolvimento desta linguagem das artes. O que indica uma compreensão sobre *dança inclusiva* ligada à noção de que a singularidade do corpo dos bailarinos com deficiências pode contribuir para a alteração de compreensões mais tradicionais sobre dança, a partir de trabalhos coreográficos onde coabitem as condições biológicas e as proposições estéticas. Assim, é preciso buscar que a diversidade esteja cada vez mais em cena, mas de modo que as múltiplas potencialidades sejam valorizadas e não desvalorizadas ou exotizadas, como ainda acontece com frequência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, C.E. *et al.* **Dançaterapia e Paciente Diparético Espástico.** Revista Saúde vol. 35, n.1. Santa Maria, 2009. Acesso em 21 out. 2014. Disponível em:
<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/revistasauade/article/view/6528/3989>
- ANTUNES, A.P. *et al.* Educação Parental e Dança Inclusiva: **Experiências de Promoção e Inclusão.** In: I Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos". Braga: Universidade do Minho, 2010 ISBN- 978-972-8746-87-2. Acesso em 21 out. 2014. Disponível em:
<http://digituma.uma.pt/handle/10400.13/103>
- AZEVEDO, P.E.M. **(Im)possibilidades de (Re)construção Cênica:** o (i)limitado e o (im)perfeito trocando uma ideia com o estético e o político. R. FACED, n.16. Salvador, 2009. Acesso em 21 out. 2014. Disponível em:
<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/4301/3711>
- BRAGA *et al.* **Benefícios da Dança Esporte para Pessoas com Deficiência Física.** Revista Neurociência nº03 Vol.10. 2002. Acesso em 19 out. 2014. Disponível em:
<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/02/cefaleia-e-atm.pdf#page=21>
- FORCHETTI, D. **Projeto Arteiros:** Uma Proposta de Dança Inclusiva. In: Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência – SEDPcD/Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013. Acesso em 22 out. 2014. Disponível em:
http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/br/ebook/Textos/Daniella_Forchetti.pdf
- NUNES, S.M.: **Fazer Dança e Fazer com Dança:** perspectivas estéticas para os corpos especiais que dançam. Revista Ponto de Vista. Florianópolis. 2004. Acesso em 20 out. 2014. Disponível em:
http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_0607/04_nunes.pdf
- SASTRE, C. **Um olhar poético sobre a diferença na dança contemporânea em Perspectivas:** Somos todos deficientes? Revista da FUNDARTE. Ano 13 – Número 25 – Janeiro/Junho 2013. Acesso em 22 out. 2014. Disponível em:
<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/3/4>
- SOUZA, V.L. **Deficiências:** Pensando Espaços entre Dança e Terapia. R. FACED, n.16. Salvador, 2009. Acesso em 21 out. 2014. Disponível em:
<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/4365/3714>
- TEIXEIRA, A.C.B. **Deficiência em Cena:** O Corpo Deficiente entre Criações e Subversões. Revista Ensaio Geral, v1, n.1, Edição Especial, Belém, 2010. Acesso em 22 out. 2014. Disponível em:
http://www.revistaeletronica.ufpa.br/index.php/ensaio_geral/article/viewFile/154/79
- BOURCIER, P. **História da Dança no Ocidente.** Tradução Marina Appenzeller. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FARO, A.J. Pequena História da Dança – 6. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- FUX, M. **Dançaterapia** / María Fux [tradução de Beatriz A. Cannabrava]. São Paulo: Summus, 1988.
- LABAN, R. **Dança Educativa Moderna.** São Paulo: Ícone, 1990.
- SILVA, M.G.B. VALENTE, T.M. **A dança como prática regular de atividade física e sua contribuição para melhor qualidade de vida.** EFDesportes.com, Revista Digital. Ano 15, nº166. Buenos Aires, 2012. Acesso em 12 nov. 2014. Disponível em:
<http://www.efdeportes.com/efd166/a-danca-como-pratica-regular-de-atividade-fisica.htm>